Cidade de Santos, 30 de outubro de 1980, p. 4

Multinacionais temem militares

BRASÍLIA (Sucursal) — Os obstáculos à atuação das empresas multinacionais no Brasil parecem estar com sua origem localizada no setor militar, sobretudo em seus segmentos de direita, conforme se verifica no documento confidencial elaborado pelo Business International Corporation (Bic), e que serviu de base para as discussões que se encerraram ontem, no Hotel Nacional, entre cerca de cem empresários estrangeiros e as autoridades brasileiras.

Destaca o documento, que segundo Leslie F. Warren, diretor para o Brasil do BIC, não poderia ser divulgado — pelo menos esse teria sido o acordo feito com o governo brasileiro —, que a participação ativa na economia do setor estatal reflete o sentimento de parte do Governo, "especialmente os militares", de que o setor privado sozinho não pode ser o carro-chefe do desenvolvimento nacional.

Embora saliente que esse posicionamento não tem uma base ideológica, a entidade, que congrega centenas de importantes multinacionais, observa que "em muitos casos o nacionalismo é definitivo", e, cita especialmente os empreendimentos que envolvem tecnologia, e que "os militares pretendem que sejam tocados por industriais locais, devido a razões de segurança". No documento, a palavra segurança vem entre aspas. Além disso, "certos grupos militares de direita suspeitam ou temem o investimento estrangeiro", afirma.

Segundo o Business International Corporation, "o clima para o investimento externo está mudando sutilmente", As multinacionais que operam no País fundamentam sua análise no fato de o governo brasileiro, recentemente, estar sendo mais seletivo em relação aos tipos de investimentos diretos realizados no Brasil.

CLIMA POLÍTICO

Um dos fatores que teriam determinado essa mudança de posição seria o próprio clima político "mais livre", que possibilita as empresas nacionais e a outros grupos que defendem posições nacionalistas, falarem com maior desenvoltura a favor de seus interesses próprios, acentuam.

Entre os fatos que essas empresas alinham como "restrições" estão o estreitamento do acesso ao crédito interno, as pressões para que novos investimentos ocorram sob a forma de "joint-ventures" com empresas nacionais, o impedimento da indústria automobilística de se verticalizar, entrando no setor de componentes a autopeças, e outros. Acrescenta-se a isso — conforme o BIC — o fato de que "políticos nacionalistas estão falando mais" e que a própria palavra multinacional teria se tornado pejorativa.

A entidade observa que o processo de distensão da administração Figueiredo está sendo conduzido de forma a impedir que ele caia nas mãos de extremistas de direta ou esquerda, embora atualmente o desafio maior provenha da extrema direita.

FALHA ABRE CAMINHO

A previsão da BIC é de que o poder pode permanecer com o grupo atual de forças conservadores e moderadas, mas admite que esse grupo é passível de falhas, o que abriria caminho para um grupo alternativo aceitável, "algo mais para a esquerda, mas sob o controle seguro dos moderados". Essa linguagem parece traduzir o que a comunidade estrangeira de negócios vê como possibilidades políticas do Partido Popular (PP), liderado pelo senador Tancredo Neves.

"Por enquanto, o que se verifica são elementos ultra-direitistas, aparentemente incluindo elementos ligados ao aparato de segurança do Estado, utilizando-se de métodos extra legais para silenciar os seus oponentes, especialmente os de esquerda. Incidentes recentes incluem a queima de bancas de jornais, agressões a líderes dos direitos humanos e atentados a entidades da imprensa. Os últimos incidentes a bomba" — sustenta o trabalho — "eletrificaram a oposição contra o extremismo de direita".

Em compensação, o resultado dessas ações — "indubitavelmente elas pretendiam desestabilizar o governo Figueiredo" — foi o aprofundamento do apoio ao Governo por quase todos os setores civis, consideram os empresários estrangeiros.

PENNA GARANTE

"Pode haver mudanças de curso, mas não de rota". Com essa frase, o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, quis tranquilizar os investidores estrangeiros no Brasil, que queriam saber quais as garantias que o Governo brasileiro dava à continuidade do tratamento atual ao capital estrangeiro. O ministro participou ontem da mesa-redonda do "Business International Corporation".

O ministro disse que eventuais modificações nesse tratamento só acontecerão se provocadas pela ocorrência de fatores externos, que interfiram no andamento do economia, como a política de preços do petróleo.